



REXE. Revista de Estudios y Experiencias en Educación

ISSN: 0717-6945

ISSN: 0718-5162

rexe@ucsc.cl

Universidad Católica de la Santísima Concepción
Chile

Oficina em Educação Sexual (ofSex): aspectos teórico-metodológicos e uma definição

da Silva, Claudionor Renato

Oficina em Educação Sexual (ofSex): aspectos teórico-metodológicos e uma definição

REXE. Revista de Estudios y Experiencias en Educación, vol. 19, núm. 40, 2020

Universidad Católica de la Santísima Concepción, Chile

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=243164095012>

DOI: <https://doi.org/10.21703/rexe.20201940dasilva12>

Oficina em Educação Sexual (ofSex): aspectos teórico-metodológicos e uma definição

Claudionor Renato da Silva rclaudionor@ufg.br

Universidade Federal de Jataí, Brasil

Resumo: O objetivo do presente estudo é abordar o tema da educação sexual na formação pedagógica, no formato de oficina. O método é a análise documental de três edições de um minicurso sobre educação sexual intitulado "Trabalhando a sexualidade na escola". Os principais resultados deste estudo foram: a indicação de que as Oficinas de Educação, principalmente, em Educação Sexual, são instrumentos facilitadores para a formação em sexualidade dos estudantes dos cursos de Pedagogia, principalmente, quando não há disciplina relacionada à questão formativa e um currículo neste tópico. O estudo permitiu a criação da definição de "Oficina em Educação Sexual" (ofSex). Outro resultado importante desta pesquisa é que as ofSex são potencialmente mais eficazes, quando construídas ou processadas, a partir do diagnóstico inicial de questionários.

Palavras-chave: Oficina de educação sexual, metodologia, pedagogia.

Abstract: The aim of this study is to address the issue of sex education in teacher training in the format of the workshop. The method is the documentary analysis of three editions of a workshop on sex education entitled "Sexuality at work in the school". The main results of this study were: the indication that Education Workshops, particularly in Sex Education, are facilitating instruments for training students in sexuality in Pedagogy courses, especially when there is no discipline related to the formative and curricular question on this subject. The study led to the creation of a definition of "Sexuality Education Workshop" (ofSex). Another important result of this research is that ofSex are potentially more effective, when constructed or processed, from initial diagnostic questionnaires.

Keywords: Sexual education workshop, methodology, pedagogy.

Resumen: El objetivo del presente estudio es abordar el tema de la educación sexual en la formación pedagógica en el formato del taller. El método es el análisis documental de tres ediciones de un taller sobre educación sexual titulado "Sexualidad laboral en la escuela". Los principales resultados de este estudio fueron: la indicación de que los Talleres de Educación, particularmente en Educación Sexual, son instrumentos para la capacitación en sexualidad de los estudiantes de los cursos de Pedagogía, especialmente cuando no hay disciplina relacionada con la pregunta formativa y curricular en este tema. El estudio permitió la creación de la definición de "Taller sobre educación sexual" (ofSex). Otro resultado importante de esta investigación es que los ofSex son potencialmente más efectivos, cuando se construyen o procesan, a partir de diagnósticos de cuestionarios iniciales.

Palabras clave: Taller en educación sexual, metodología, pedagogía.

1. INTRODUÇÃO

Oficina pedagógica ou oficina em educação, particularmente, oficina em educação sexual é a temática desta pesquisa, em que se esclarece a

REXE. Revista de Estudios y Experiencias
en Educación, vol. 19, núm. 40, 2020

Universidad Católica de la Santísima
Concepción, Chile

Recepção: 09 Agosto 2019
Aprovação: 05 Março 2020

DOI: [https://doi.org/10.21703/
rex.20201940dasilva12](https://doi.org/10.21703/rexe.20201940dasilva12)

Redalyc: [https://www.redalyc.org/
articulo.oa?id=243164095012](https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=243164095012)

especificidade do que seria uma oficina, que não é um minicurso, muito menos uma aula.

Além de consubstanciar um referencial teórico de “oficina” oferece uma definição de “oficina em educação sexual” (ofSex) a partir da análise de três edições da oficina “Trabalhando a sexualidade na escola”, oferecida nos anos de 2013, 2015 e 2016.

A primeira edição, em 2013, foi desenvolvida para pedagogos, em formação inicial, numa faculdade privada do interior paulista. As edições seguintes ocorreram numa universidade pública federal do norte do Brasil em 2015 e 2016, para a formação inicial de professores em pedagogia.

A problemática pode ser esclarecida a partir da seguinte questão geral: qual ou quais as potencialidades de diagnósticos ou sondagens sobre a formação em sexualidade humana dos participantes de uma oficina, diagnósticos estes, recolhidos por meio de questionário ou outro meio de coleta de dados, que, uma vez organizados, antes de uma proposta “fechada” de Oficina em educação Sexual, poderá permitir a orientação de seu encaminhamento formativo, uma ofSex, bem como, a construção de uma definição de ofSex?

Busca-se como objetivo analisar as contribuições de oficinas em educação sexual para a formação de professores. Pretende-se que a pesquisa contribua, primeiramente, para uma fundamentação mais clara e específica para oficinas no campo da educação sexual, visto que, grande parte dos estudos apenas as relata sem um referencial consistente. E, acompanhando esse raciocínio, que a presente pesquisa estimule a produção de oficinas em cursos de formação de professores que, sobretudo, ainda não possuem uma disciplina, ainda que optativa, em educação sexual.

A metodologia segue uma orientação de análise documental (Cellard, 2008) na consulta de dados de três edições de uma Oficina de Educação Sexual desenvolvida ao longo de três edições. Analisaram-se os formulários de questionários de diagnóstico, no momento das inscrições/matrículas na Oficina e também se analisou as avaliações escritas pelos participantes ao final de cada edição.

Os resultados são o de demonstrar a potencialidade dos diagnósticos obtidos nas primeiras informações sobre os participantes, na organização da Oficina que, de alguma forma, necessitará de “remanejo”, decorrentes, especialmente, das motivações e das formações, do público que vem para a Oficina.

Os dados com as falas dos participantes, bem como a avaliação que fazem das oficinas, aqui apresentadas, de nenhuma maneira refletem um relato de experiência. São dados de pesquisa, utilizados para, a partir do referencial em “oficina”, serem analisados e permitirem, em seu conjunto, a proposta de definição de “ofSex”. Por que não é um relato? Dentre outras razões, a principal é que os dados utilizados atendem uma problemática de pesquisa, são respostas buscadas, sob uma metodologia. Logo, todos os dados utilizados estão alinhados também aos objetivos, à metodologia e aos próprios resultados e discussões e, obviamente, o mais importante, estão alinhados à conclusão do artigo, em apontar as potencialidades

das ofSex, na estrutura aqui proposta e em apontar uma definição para “ofSex”. Uma Segunda razão é também possível ser sublinhada e trata-se na questão de que nesses relatos são construídas todas as possibilidades de diálogos com o referencial teórico sobre oficina(s) que permitiram a construção de uma definição de “Oficina em Educação Sexual”. Tal conceito, o de ofSex julga-se, neste artigo, de extrema relevância aos estudos na área da Educação Sexual no Brasil, na América Latina e Caribe.

O texto se estrutura, a partir da seção seguinte, em apresentar o conceito de oficina, com autores nacionais e internacionais, na perspectiva também de situar a evolução histórica de seu uso nas ciências humanas, particularmente, na educação. Esta seção denomina-se Referencial Teórico. A seção seguinte a essa, esclarece a metodologia utilizada na pesquisa: a coleta dos dados e a análise. A terceira seção apresenta os resultados e discussão com elementos que corroboram para a formulação da definição de ofSex. Nas considerações finais, depois de responder à questão da pesquisa, acrescentam-se algumas “considerações gerais” sobre as ofSex e as características que devem assumir em cursos de pedagogia, mas também em outras licenciaturas, preocupadas com o aspecto formativo em Educação Sexual e, deste modo, trazendo contribuições teórico-metodológicas sobre as oficinas, particularmente, as ofSex.

O presente referencial é construído depois das três edições de oferta da Oficina “Trabalhando a sexualidade na escola” e para as finalidades deste artigo. Embora os autores e autoras venham de vertentes teóricas diferentes, o ponto comum que os une e por isso foram utilizados contribuem para que as próximas edições sejam apresentadas de forma mais específica e aprofundada quanto ao entendimento do que seja “oficina”, trazendo, ainda, os autores da área da Educação Sexual e, desta forma, ampliando a proposta das oficinas.

Trata-se, assim, de um referencial em construção que permitiu, neste momento, não só analisar, brevemente – e não aprofundadamente – as bases empíricas apresentadas que consolidam a definição de Oficina em Educação Sexual (ofSex).

De toda forma, o referencial permite que se façam as análises dos dados encontrados e a definição de Oficina em Educação Sexual (ofSex), principalmente, na defesa e argumento central de que toda ofSex deve nascer ou emergir das realidades e experiências em andamento, a partir de um breve diagnóstico dos participantes da oficina. Sem contar, a variável, participatividade, em que todos e todas acabam por se envolver na formação e seu planejamento.

Portanto, mesmo que o referencial tenha sido construído depois da oferta das edições da oficina em estudo, ela não invalida nem “superficializa” as breves análises efetuadas.

Fornazari e Obara (2017) nos esclarecem que a palavra “oficina” no inglês é workshop, terminologia que está muito presente nas produções e nos eventos científicos em muitas áreas, sobretudo, das exatas, principalmente quando se refere ao campo das tecnologias. Em espanhol a palavra é “taller” (Ander-Egg, 1991; Gonzáles Cuberes,

1987; Lespada, 1998, Morgade e Fainsod, 2015; Pasel e Asborn, 1991); em francês, “atelier”, terminologia muito presente nas produções da área educacional brasileira, principalmente nos antigos Parâmetros Curriculares Nacionais. As sugestões de atelier pedagógico eram frequentes nas produções de livros de cunho construtivista.

Oficina designa, portanto, “... locais reservados para o conserto ou produção de objetos” (Pimentel, Carneiro e Guerra, 2007, p. 168)”.

Definitivamente, oficina é lugar de trabalho, produção de algo. De acordo com a sua etimologia, oficina deriva do latim *officina*, designando um local onde há a produção, trabalho.

Ander-Egg (1991) cita Freinet como o primeiro a se referir à oficina no campo educacional.

Oficina tem muita proximidade à pesquisa-ação, primeiramente em Kurt Lewin. Grupos Focais e Grupos de Discussão (Bohnsack, 2004; Callejo Gallego, 2002) também podem ser considerados uma base metodológica para explicação das oficinas como espaços formativos e trabalho de grupo.

Autores como Freire (1998), Omiste, López e Ramírez (2000) e Morgade e Fainsod (2015) também subsidiam a compreensão da oficina e sua função formativa.

Particularmente, na educação sexual, a temática das oficinas não são muito debatidas no Brasil, mas Figueiró (2006) se evidencia como uma pesquisadora voltada à formação de educadores(as) sexuais, no sentido de formar especialistas que transformem suas práticas e, sobretudo, suas concepções sobre sexualidade e, assim, contribuir para a formação de educandos e educandas na educação básica. Como exemplos de trabalhos que falaram de oficinas em Educação Sexual, vale a citação de Maheirie, Urnau, Vavassori, Orlandi e Baierle (2005), Souza, Abreu, Santos e Bastos (2017).

Defende-se nesta pesquisa que Oficinas são importantes espaços para formação de Educadores Sexuais (Figueiró, 2006, 2010).

Voltando aos referenciais sobre “oficina”, Betancourt (2007) destaca a questão da realidade integradora, como um fator, para sua elaboração e “engenharia”. Na elaboração de Betancourt, a práxis é decisiva nesta “engenharia” das oficinas. O aspecto contributivo de todos os participantes, também é um elemento fundador desta característica das oficinas.

González Cuberes (1987) pondera a oficina com tempo-espço-vivência-reflexão. Acrescenta outra série importante: pensamento, sentimento e atuação, que, em última instância, tem o objetivo de eliminar tarefas e propiciar aprendizagens pela experiência e o compartilhamento de saberes e ideias. É opinião da autora que a participação e o envolvimento dosicineiros(as) junto ao formador(a) é de fundamental importância no processo. Oficina é lugar de “manufatura”, fabricação de ideias e de resultados, numa determinada temática.

“Oficina pedagógica” é o termo recorrente na literatura brasileira, por exemplo, trabalhos como os de Candau, Sacavino e Morandino (1995),

Afonso (2002), Paviani e Fontana (2009), Martins, Freitas e Feldkercher (2009), Candau e Sacavino (2011) e Souza et al. (2017) – este último um trabalho exclusivo voltado à área da Educação Sexual.

Thiollent (2000), mesmo tratando da extensão, experiências em práticas de transformação da realidade, traz contribuições muito ricas para se pensar as oficinas pedagógicas. Trata-se de um bom referencial metodológico, a pesquisa-ação, como ferramenta em e para oficinas. Ao lado de Thiollent (2000) o trabalho de Luengo, Montero, Pey e Corrêa (2000) também é um importante referencial para as oficinas e, por extensão, para as ofSex.

Anastasiou e Alves (2009) traz apenas a palavra “oficina” e afirma, que “... se caracteriza como uma estratégia do fazer pedagógico onde o espaço de construção e reconstrução do conhecimento são as principais ênfases. É lugar de pensar, descobrir, reinventar, criar e recriar...” (Anastasiou e Alves, 2009, p. 96).

Já Vieira e Valquind (2000) adotam a terminologia “oficinas de ensino”. Para estas as autoras, tais oficinas de ensino é o “... aventurar-se na busca do conhecimento, respeitando os processos mentais dos sujeitos cognoscentes, aproveitando cada participação com atenção concentrada e, posterior intervenção adequada” (Vieira e Valquind, 2000, p. 5).

Em oficinas, funcionam, simultaneamente, práticas, teorias, crenças e valores. A grande vantagem das oficinas de ensino, dizem as autoras, é que contribuem para investigações na própria aula. Oficinas são estimuladores ao pensamento, ao sentimento e à ação.

Experiências em oficinas são, acima de tudo, participativas, devem atender a alguns princípios, por exemplo: respeito, pensamento cooperativo, vez de ouvir e vez de falar, solução de problemas apresentados, afeto, compromisso. É momento de confronto ao que o professor(a) quer propor e as demandas dos participantes, que serão chamados a partir de agora neste texto de “oficineiros(as)”, contudo, o próprio condutor da oficina é também, nesse contexto, um oficineiro(a).

Busca-se “... nas Oficinas, criar situações reais de participação, onde as experiências fossem socializadas e onde ações inovadoras fossem planejadas, executadas e avaliadas” (Vieira e Valquind, 2000, p. 8).

O fator “produção” ou “produto” é um dos primeiros aspectos fundantes do referencial construído por Vieira e Valquind (2000). Tais produtos nascem, obviamente, de problemas contextuais. A produção é denominada pelas autoras de “currículo realista”. Este “currículo realista” tem os seguintes elementos para se explorar neste texto e se transpor às oficinas em educação sexual: discussão, intervenção didática, cooperação, avaliação.

Um autor referencial para quem recorrem as autoras é Ander-Egg: nem toda oficina é oficina e nem sempre uma oficina gera inovação pedagógica. Mas uma conclusão é inegociável: a oficina gera uma ação e se efetiva no coletivo.

Vieira e Valquind (2000, p. 11), citando Gonzáles Cuberes (1987), define oficina como, “...um tempo e um espaço para aprendizagem; um processo ativo de transformação recíproca entre sujeito e objeto;

um caminho de alternativas, com “equilibrações” que nos aproximam progressivamente do objeto a conhecer.”

Ao referenciar vários autores estrangeiros que definiram “oficina(s)” Vieira e Valquind (2000) esclarecem que uma oficina se enquadra na práxis “... a teoria surge como uma necessidade para esclarecer a prática. Nas situações-problema, presentes em qualquer oficina sempre se necessitam aprofundar os conhecimentos (a teoria)... com intenção de provocar uma atividade reflexiva” (pp. 12-13).

Dialética e relação teoria e prática são palavras presentes nos referenciais sobre “oficina”. Outro enfoque é sobre o ensino e os recursos. Logo, a Didática (Haydt, 2006) está presente no objetivo processual e final das Oficinas.

Sobre o recurso(s) afirmam Vieira e Valquind (2000): “Na oficina, o recurso deve ser valorizado com meio para que ocorra a aprendizagem dos conceitos. Em oficinas de ensino também priorizamos o uso de exposições orais feitas pelo professor, uso de livros, vídeos e outros recursos sempre necessários (p. 13)”.

Outra proposta para entendimento das Oficinas é que seu fio condutor é a ação e “... caracterizase como um espaço e um tempo, provocadora de experiências, necessariamente socializadas” (Vieira e Valquind, 2000, p. 13).

Devem estar integradas e em perfeita interação três instâncias fundamentais: o processo pedagógico (fundamentos e metodologias: a Didática); a reflexão teoria/prática para ocorrer a própria ação; a interdisciplinaridade que permite a unidade da produção de conhecimento em estudo. Na oficina de ensino “... a cultura e os valores dos alunos participantes serão respeitados. As oficinas promovem a abertura de um espaço de aprendizagem alternativo... É formada uma equipe de trabalho, onde cada um contribui com sua experiência” (Vieira e Valquind, 2002, p. 17).

A partir destas considerações a primeira parte da definição dada nesta pesquisa para oficina em educação sexual é a seguinte: “Oficina em Educação Sexual (ofSex) é aquela oficina em que sua formação se dá a partir de um diagnóstico do público participante. O proponente da Oficina em Educação Sexual, um Educador Sexual, organiza o processo de desenvolvimento da Oficina na consideração do arcabouço dos conhecimentos do seu público, mas, tem organizados, em seu material formativo da Oficina, todos os elementos necessários para atender a esta demanda de conhecimentos, perspectivas e expectativas, que se desenham neste diagnóstico inicial”-Definição do Autor.

Esta definição inicial será o motor discursivo da proposta desta pesquisa que tem como contexto a realização de três edições de uma Oficina desenvolvida junto à formação inicial de professores em um curso de Pedagogia no Brasil.

2. METODOLOGIA

A natureza da coleta de dados e sua análise nas três edições da Oficina “Trabalhando a sexualidade na escola” seguem a proposta de Cellard (2008) sobre a Análise Documental (AD). De posse dos documentos das três edições se organizou categorias de análise que colaboraram para a formatação da Oficina.

O conceito de documento na AD: “... tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho ... Pode tratar-se de textos escritos, mas também de documentos ... de testemunho registrado ...” (Cellard, 2008, pp. 296-297).

A documentação levantada sobre as três edições da oficina, se apresentou com a aplicação de um questionário de diagnóstico com quatro questões: duas abertas e duas fechadas - conforme designação de Marconi e Lakatos (2003). Elas são apresentadas junto ao descrever da seção de Resultados e Discussão.

Para corroborar com a efetividade das oficinas que se organizam a partir de dados de diagnóstico, se consultou e se apresentou, também, as fichas de avaliação em que os participantes relatam os retornos de aprendizagem com a experiência vivida na Oficina, nas três edições.

o processo da AD aplicada na pesquisa e que contribuíram para a construção da definição de ofSex, segundo Cellard (2008) são: pré-análise (etapa 1, envolvendo, acesso, localização, seleção e leituras iniciais), análise preliminar (etapa 2, que se dá com as subetapas do contexto, identificação do autor/es, autenticidade, natureza do texto e conceitos-chave presentes) e, por último, na etapa 3 denominada Análise Interpretativa que se estabelece com os diálogos dos dados documentais levantados, já organizados na etapa anterior com o referencial teórico escolhido.

Na próxima seção serão apresentados os resultados e discussão da pesquisa, sob a metodologia da AD. Para fins de objetividade serão melhor detalhados a Etapa 3, a da Análise Interpretativa. Já que as Etapas anteriores são demarcadas, como já se afirmou, por documentos de inscrição de participantes nas três edições da Oficina e que de antemão, já se afirmava que seriam utilizados para fins de pesquisa.

Todos os documentos se encontram em arquivos pessoais do autor e organizador da oficina e produzidos, como já se indicou, nos anos de 2013, 2015 e 2016.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As três edições da Oficina “Trabalhando a sexualidade na escola” foram intensamente vivenciadas e seus registros é que dão configuração não só para a proposta de definição de Oficina em Educação Sexual (ofSex) mas, sobretudo, como é apresentado a seguir, trazem impactos beneficiários aos participantes, uma vez que, na avaliação final das oficinas, todos e todas, sem exceção, apresentam os ganhos da experiência vivida e como levarão adiante em suas respectivas formações, os aprendizados e as referências textuais anotadas. Em seu conjunto, estas informações transformadas em

dados para responder a problemática da pesquisa, formatam um modelo de oficina para a área da educação sexual e, desta forma, contribui para a área, na medida em que há um esforço de consolidação inicial do que servirá para um embasamento teórico mais fortificado sobre oficina e uma oficina em Educação Sexual. Isso afasta, como já se afirmou toda ideia que possa apresentar inicialmente esse texto, como um configurador de relato de experiência. Não. São dados fundantes e fundamentais, transpostos para uma pesquisa, que traz como produto uma definição, a definição de ofSex.

Todas as edições encontram consonância com as proposições teóricas construídas brevemente neste artigo – mesmo que após a realização das oficinas, como já se afirmou. São diretamente relacionadas com a definição de “oficina” em língua espanhola (González Cuberes, 1987), em português (Candau e Sacavino, 2011; Vieira e Valquind, 2000). Relacionam-se, ainda, às proposições extensionistas em educação sexual e formação de educadores sexuais em Figueiró (2006; 2010) e o trabalho de Souza et al. (2017).

Um ponto a destacar nessa seção é que se faz muito importante no artigo se apresentar as informações dos diagnósticos e da avaliação das oficinas, para dar mais sentido à construção da definição de Oficina em Educação Sexual, que são os dados de pesquisa analisados sob o referencial construído sobre “oficina”. Esses dados analisados, assim, articulam-se ao referencial teórico, que traz muitas contribuições no idioma espanhol, mais que, nos produtos nacionais brasileiros encontrados. Os dados estão também articulados ao problema da pesquisa, aqui descrito de forma mais ampla: de que forma oficinas em Educação Sexual podem ser preparadas a partir de dados diagnósticos e de planejamentos compartilhados entre o ofcinadores(as) e os oficineiros(as)? E, de que forma estes diagnósticos, lidos e comparados com as avaliações, destas mesmas oficinas podem subsidiar, junto com referencial teórico, uma definição de Oficina em Educação Sexual (ofSex)? (Neste artigo, ofcinadores(as) são educadores em Educação Sexual, proponentes dos cursos. Oficineiros(as) os participantes das oficinas).

Da mesma forma, os resultados atendem aos objetivos traçados no artigo e permitem a conclusão de que, oficinas em educação sexual, podem ser organizadas a partir de diagnósticos e levantamentos de importantes informações dos participantes, além, do proponente conseguir, junto destes, compartilhar os encaminhamentos do projeto da oficina, na particularidade da Educação Sexual.

Ao se deter na Etapa 3 da AD, nas três edições da Oficina, referente à questão: “O que você entende ou o que vem à mente sobre sexualidade?” permitiu a construção das seguintes categorias: Sexualidade ligada ao corpo, ao biológico, ao ser homem, ao ser mulher, às diferenças entre sexo masculino e feminino; Sexualidade como sinônimo de prazer, desejo; Sexualidade como energia, energia sexual; A ideia de sexualidade com o desenvolvimento humano; Sexualidade como relacionamento entre duas pessoas; Sexualidade como comportamento e, por último, Sexualidade ligada à noção de opção, de opção sexual. Cada uma dessas categorias dão

base para a definição de ofSex, bem como, alinham uma construção teórica de oficina para a área da Educação Sexual.

Sobre a primeira categoria “Sexualidade ligada ao corpo, ao biológico, ao ser homem, ao ser mulher, a diferenças entre sexo masculino e feminino”, os excertos, a seguir, são extraídos dos formulários de diagnóstico das três edições da Oficina “Trabalhando a sexualidade na escola”.

As primeiras considerações trouxeram as relações de gênero masculino e feminino.

“Os gêneros masculino e feminino em geral e a vida sexual”(Participante da Oficina 1).

“Órgãos masculino e feminino, opção sexual, DSTs, termos biológicos”(Participante da Oficina 2).

“Sexualidade é tudo o que diz respeito ao corpo; o simples fato de ser homem ou mulher é sexualidade”(Participante da Oficina 3).

Esta primeira categoria trazia à Oficina o desafio de falar das questões de gênero e toda referência foi concentrada nas obras de Scott (1995) e Louro (2008), como textos do programa de conteúdos da Oficina que já fora pensada na perspectiva da construção coletiva, mas com um bom planejamento, pelo menos, de textos de referência pelo afinador, um Educador Sexual.

Superar a visão biologistica era também uma proposta a ser considerada nestas edições da oficina, no que tange à sua operacionalização. Para isso Furlani (2011) foi um importante referencial na programação do conteúdo.

A segunda categoria “Sexualidade também está para muitos, como sinônimo de prazer, desejo(s)” trazia o desafio de falar sobre as bases psicanalíticas em Freud e nos pós-freudianos. Mas isso foi descartado nas duas primeiras edições e retomada somente na 3.ª edição. Para o momento das duas primeiras edições o principal referencial para conceituações sobre desejo e prazer ficaram restritas às obras foucaultianas “História da Sexualidade” e “Vigiar e Punir”, apenas com algumas referências mais centrais e ampla, sem muito aprofundamento.

“Sexualidade diversas formas, jeitos, maneiras que as pessoas buscam para obter prazer” (Participante da Oficina 1).

“Maneira de expressar os seus desejos”(Participante da Oficina 1).

“É o que sentimos em relação ao sexo; sentimentos, atrações, fantasias”(Participante da Oficina 2).

“Considera-se sexualidade as diversas formas, jeitos, maneiras, que as pessoas buscam para obter ou expressar prazer”(Participante da Oficina 3).

Desenvolver a ideia de desejo, prazer, ligada à sexualidade consistiria num novo outro desafio à formação nesta primeira versão da Oficina. De fato, a sexualidade traduz esta perspectiva, pois, quando se assume a emancipação como epistemologia da sexualidade (Furlani, 2011; Ribeiro, 2004) o que, de fato, se quer dizer, é que a diversidade a ser respeitada socialmente e juridicamente nada mais é do que permitir que as pessoas sejam felizes em sua sexualidade, sem precisar ter que reivindicar isso,

ou, se defender em relação à isso, já que se constitui um direito, um direito humano universal. Essa perspectiva manifesta no diagnóstico e que contribui para o programa da oficina coaduna-se com o referencial construído neste texto, na medida em que se faz a defesa por oficinas que tenham uma problemática social relevante e que encontre pautas formativas profissionais aos professores, como o faz Candau, Sacavino e Morandino (1995).

Na categoria “Energia, energia sexual” também remetia à psicanálise, tanto em Freud quanto em Reich (Wilhelm Reich, 1897-1957), mas, não se pode avançar à estas referências, em profundidade, tão pouco na edição 3, restando, também, a indicação dos referenciais para posteriores aprofundamentos teóricos.

“Uma maneira de entender sobre nossas sensações, sentimentos e emoções envolvendo a energia sexual”(Participante da Oficina 1).

“É uma energia que motiva para encontrar amor, contato, ternura e sentimentos”(Participante da Oficina 2).

Remeteu-se também à Foucault nesta categoria que emergiu do diagnóstico, com restrição ao conceito de “sexo”, que, segundo este autor é “o elemento mais especulativo, mais ideal e igualmente mais interior, num dispositivo de sexualidade... suas energias, suas sensações, seus prazeres (Foucault, 1990, p. 145, grifos meus).

A ideia de desenvolvimento também esteve presente no diagnóstico inicial e foi mais bem trabalhado na terceira edição da Oficina.

“É o plano psicológico, onde se define as suas preferências, predisposições ou experiências”(Participante da Oficina 1).

“Período da descoberta da sexualidade desde o nascimento até a vida adulta”(Participante da Oficina 2).

“... mudanças do corpo; aceitar essas mudanças, sem ter vergonha, para futuramente, a pessoa viva melhor, se aceitando...”(Participante da Oficina 3).

Desenvolvimento humano, o que inclui o sexual, ao seu lado, intrínseco ao biológico, ao psicológico e ao social, apareceu desde a primeira edição e revela que muitas vezes o desenvolvimento sexual não é visível ou entendido/compreendido, mesmo todos sabendo, ou boa parte, que o sexual está no “biopsicossocial”, mesmo quando isso é trabalho na formação de professores, precisamente. Na terceira edição, o autor apresentou seu conceito de desenvolvimento biopsicossessocial (Silva, 2015), justamente para apontar esta “invisibilidade” do desenvolvimento sexual, como inerente ao desenvolvimento humano e não desconectado dele. Deixar o “-ssexo” visível na expressão, na palavra, talvez ajude os formadores e os formandos a considerarem a dimensão sexual no desenvolvimento humano e, talvez, diminua as resistências em se falar de sexualidade e educação sexual, tanto dos professores em formação quanto dos professores da ativa. Essa questão exigirá uma profundidade temática para além da definição de *ofSex*, ou seja, um estudo teórico e metodológico a partir da definição aqui construída, tendo como base, os formatos de oficinas pedagógicas.

Demarcar como a psicologia do desenvolvimento despertou para o tema da sexualidade foi fundamental no amadurecimento da Oficina, pensando, justamente as demandas dos participantes e suas dúvidas ou desconhecimentos científicos em sexualidade humana.

Sexualidade “Como relacionamento entre duas pessoas...” foi uma categoria emergente e muito ligada à seguinte categoria que trataremos: “Sexualidade como comportamento”. Para esses tópicos de categorias apontaram-se as seguintes referências: Ariès e Béjin (1985), Foucault (1990), Highwater, (1999) e Giddens (1993).

“Sexualidade engloba vários aspectos; de início, a criança aprende sexualidade ao olhar o corpo e os dos outros coleguinhas”(Participante da Oficina 1).

“É o que leva as pessoas se envolverem em uma atração mútua”(Participante da Oficina 2).

A categoria “sexualidade e a relação com o outro” foi de fundamental importância na primeira edição e que foi mais aprofundada nas edições 2 e 3, quando, boa parte da formação se deram a partir de dinâmicas sobre sexualidade (Magalhães, 2011; Teixeira e Magnabosco, 2010), relações de gênero, diversidade sexual.

Questões como namoro, casamento, relacionamentos homoafetivos foram profundamente debatidos.

Sexualidade como comportamento, acompanhou o mesmo encaminhamento da categoria anterior, no tocante aos referenciais teóricos e os temas relacionados à diversidade sexual. Alguns posicionamentos dos participantes, nos diagnósticos, estão a seguir:

“ ‘Liberdade sexual’, ou seja, poder expor o que pensa a qualquer pessoa”(Participante da Oficina 1).

“Gravidez precoce”(Participante da Oficina 1).

“Posição definida sobre o que prefere ser melhor, sobre o que se quer”(Participante da Oficina 2).

“É o que se refere a sexo: maneira de agir, sentir; comportamento”(Participante da Oficina 3).

“Que as pessoas têm uma sexualidade, no modo de se vestir, de andar e de se comportar perante a sociedade”(Participante da Oficina 3).

“Que todo ser humano tem uma sexualidade no modo de se vestir, comportamento, jeito, etc.”(Participante da Oficina 2).

Foi de comum acordo, em todas as edições das oficinas, a realização de “brainstorming” amplos, o que garantiu a presença, na oficina, em cada edição, da variável “participatividade”. Os “brainstorming” contribuem muito para identificar preconceitos sobre a diversidade sexual e como são dados os tratamentos, por exemplo, aos transexuais, aos travestis, aos queers, etc.

Esta categoria, “Sexualidade como comportamento”, como já se afirmou, está muito próxima da anterior, ou seja, as relações entre as pessoas e os temas relativos ao comportamento humano e a forma como as pessoas vivem sua sexualidade, por exemplo, a questão sobre o corpo no tocante à gravidez, que, nem sempre é um reflexo do “indesejado”, mas a própria vontade da mulher.

Sobre a gravidez na adolescência e os direitos reprodutivos foi necessário tocar no assunto dos meninos, dos homens que engravidam. Isso foi muito bem debatido na Oficina.

Nesta categoria serviram também discussões relativas à sexualidade, a escolha da menina em gostar e querer “ficar” com meninas e também de meninos, de homens, gostarem de outros meninos, homens.

“Aceitação” foi a palavra-chave que conduziu diretamente ao respeito pelas escolhas das pessoas em viverem sua sexualidade o que não pode ser confundido com “opção” (sexual) que é a próxima categoria a ser discutida.

Opção, opção sexual. Que deve ser respeitada e que teve como referenciais Furlani (2003) e Gui- marães (2009).

Alguns fragmentos dos questionários diagnósticos:

“Respeitar as opções de cada um”(Participante da Oficina 1).

“Não, mas acho que é respeitar as opções de cada indivíduo”(Participante da Oficina 2).

“A sexualidade de um indivíduo define-se como sendo as suas preferências ou experiências sexuais: primeira relação sexual, fetichismo, fantasia...”(Participante da Oficina 2).

“É a forma como vamos ao encontro do outro; como nos relacionamos, como manifestamos nossos desejos, prazeres e formas de viver o masculino e o feminino”(Participante da Oficina 2).

“... opção sexual, DSTs, termos biológicos”(Participante da Oficina 1). “Respeito mútuo sobre qualquer escolha de gênero”(Participante da Oficina 2).

As palavras “opção” e “opção sexual”, bem como, “orientação” precisaram ser desconstruídas na Oficina, nas três edições, visto que foram recorrentes. A definição que se desenvolveu na última edição da Oficina esteve também em Maia e Ribeiro (2011).

“Opção Sexual” é um termo que dá margem à defesa do que se convencionou chamar de “cura gay”, por exemplo. Ou, a tentativa de se supor que é possível deixar de ser homossexual ou heterossexual basta uma “vontade” de não se querer mais, o que contraria definitivamente a abordagem da emancipação e a questão de que a sexualidade é uma construção social e histórica dos sujeitos.

Opção traduz ainda a ideia de indecisão ou ainda de incerteza da sexualidade do sujeito, o que também não é verdadeiro, já que, desde que se nasce já está determinado socialmente o que faz o menino/homem e o que faz ou deve fazer a menina/mulher, como valores incontestáveis, como nos mostra Foucault em a “História da Sexualidade”.

A segunda questão do diagnóstico, para organização e condução da Oficina é a seguinte: “O que você entende ou o que lhe vem à mente sobre o que é educação sexual?”. Puderam ser organizadas algumas sentenças gerais, como categorias, em duas grandes frentes: frente 1 “Educação Sexual é” e frente 2 “Educação Sexual faz...” Ambas são e estão apoiadas em clássicas definições de Educação Sexual, como Ribeiro (2004), Maia e Ribeiro (2011), Figueiró (2006; 2010) e Furlani (2011).

Ensino/escolar/escolaridade foi a principal referência posta pelos participantes.

“Educação sexual é a forma que se ensina ou se fala sobre sexualidade”(Participante da Oficina 1).

“Instrução, informação sobre sexo, conhecimento sobre sexo”(Participante da Oficina 2).

“São os conhecimentos, a instrução em relação aos comportamentos sexuais”(Participante da Oficina 2).

“Educação sexual é o termo utilizado para o ato de ensinar sexualidade”(Participante da Oficina 3).

“É a forma de ensinar ou esclarecer questões relacionadas ao sexo”(Participante da Oficina 3).

“Educação sexual é quando você aprende na escola ou nos meios de comunicação sobre sexo e as maneiras de se relacionar com o seu parceiro, os cuidados que devemos ter com doenças entre outras coisas, como, planejamento familiar”(Participante da Oficina 1).

“É o ensino da anatomia e psicologia da reprodução humana e demais aspectos do comportamento, que se relacionam ao sexo”(Participante da Oficina 1).

“Deveria ser como uma disciplina de sala de aula”(Participante da Oficina 3).

Em seguida, orientação e/ou informação. “Orientação”(Participante da Oficina 1).

“Orientar, explicar sobre os processos que ocorrem afim de que se possa prevenir”(Participante da Oficina 2).

“Orientação aos alunos, informação contra doenças, métodos contraceptivos”(Participante da Oficina 2).

“Orientar sobre os temas citados no item acima”(Participante da Oficina 3).

A ideia de Educação Sexual como resultado, como transformação de uma cultura, de uma ação, também se apresentou nos diagnósticos das oficinas (Figueiró, 2006; Souza et al., 2017).

“Primeiramente, a quebra de vários “tabus” que passam a ter na mente das crianças”(Participante da Oficina 1).

“Preparar os adolescentes para a vida sexual de uma forma segura”(Participante da Oficina 2).

Por último, a ideia de Educação Sexual ligada, sempre, ou envolvida com a sexualidade humana. “Tudo que envolve a sexualidade da pessoa e sua saúde”(Participante da Oficina 1).

Orientação aparece tanto em o que a Educação Sexual é quanto o que a Educação Sexual faz. A definição de “Orientação Sexual” é importante ser revista, como já o é, quando, em seu lugar se utiliza “Educação Sexual”. A Orientação está ligada ao aspecto intencional e relaciona diretamente ao desejo e para uma noção de prática ou vivência em sexualidade, propriamente a diversidade sexual.

Na produção do conteúdo e dos materiais a serem utilizados na oficina é necessário, então– como o foi– ampliar ao máximo o conceito de

Educação Sexual eliminando ou acertando “arestas” quanto a conceitos já um pouco ultrapassados ou pode-se dizer, conceitos em reconstrução.

O que revela o “como se faz ou o que faz a Educação Sexual”? Revela, sumariamente, a ideia ou noção de efetividades ou uma resposta para “o que serve ou para que serve a Educação Sexual”. Isso elimina muitos obstáculos iniciais, principalmente, se tratando de pessoas mais resistentes ao tema.

Trabalhar definições e conceitos é, portanto, não só necessário, mas extremamente útil. O que é Educação Sexual e o que faz Educação Sexual levou a Oficina, em suas respectivas edições, a se concentrar muito detidamente nos principais autores que trabalham os conceitos e as definições da área, no Brasil, já apontados: Ribeiro (2004) e Figueiró (2006; 2010).

Particularmente, nas edições e 3, se desenvolveu o conceito de Didática da Sexualidade (Silva, 2015) para indicar e apontar a questão da Educação Sexual no espaço escolar, uma Didática que, para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, referenciasse a educação sexual e a sexualidade infantil não como componente curricular, nunca, mas, como uma Didática que exigisse do docente uma formação em sexualidade humana que lhe permitisse lidar com segurança com as manifestações da sexualidade das crianças, sejam as manifestações verbalizadas, suas dúvidas, sejam suas ações, às vezes, muitas vezes, não compreendidas pelos adultos, como a masturbação, a vontade de brincar com brinquedos que “não” são do “seu” respectivo gênero, o menino que gosta de brincar só com meninas e é muito carinhoso e que todos suspeitam que ele é “gay”, enfim, manifestações das mais diversas que acontecem diariamente na escola e no espaço familiar. Atualmente, Didática da Sexualidade de Silva (2015) está assumindo uma outra definição conceitual, mais voltada para o ensino e a alfabetização científica.

Na sondagem sobre a formação em educação sexual dos participantes, foram feitas duas perguntas. A primeira pergunta: “Você teve (uma) educação sexual, portanto, formal, durante sua escolarização?” Afirmaram que sim 36%; não, 19%; na disciplina de biologia, 28%, em palestras diversas, 12% e, em outras fontes ou formas, 7%.

O que estas informações revelam ao se organizar a oficina e como conversam tanto com o referencial aqui construído quanto com o construto da definição de ofSex? Chama a atenção, que 19% dos participantes afirmam não terem nenhum tipo de estudo em educação sexual, portanto, uma formação escolar, ou, ter recebido no período de vida escolar, noções ou informações em Educação Sexual. A oficina, assim, em todas as edições, teve que se preocupar com conceituações básicas sobre educação sexual, sexualidade, gênero, diversidade sexual.

De modo geral, são três características muito específicas e muito comuns nas três edições da oficina: 1) a heteroformação em sexualidade humana no período de vida escolar dos participantes e, portanto, desafios à Oficina; 2) pontos de apoio máximos e mínimos a serem explorados, referência a informações para “pontos de partida” para a oficina e “pontos

de chegada” ou de maior tempo de “parada” para fixar ou compartilhar definições, conceitos e enriquecer com exemplos;

3) como última característica o traçar de objetivos concretos para a oficina que, talvez, não sejam os inicialmente pensados (pontos máximos).

A segunda pergunta se referia ao formato em que a Educação Sexual dos participantes foi delineada ao longo da vida. O formato familiar identifica-se à ele 31% dos participantes. A religião ocupou 21%. Uma construção individual ou pessoal, 38%. Não souberam responder, 10%.

A formação em educação dos sujeitos, nas três edições, retirando a variável “escolar”, confirma a heteroformação apontada no Gráfico anterior. Aqui, neste segundo gráfico, a dificuldade do organizador(a) da oficina é localizar o ponto de partida, já que, a formação dos sujeitos é bastante dividida e são quase, pode-se dizer, bem definidas entre uma formação familiar e individual, seguida de um quantitativo significativo, marcado por uma formação em sexualidade, diretamente religiosa.

No caso das três edições da oficina se optou por trabalhar com a variável “individual” ao lado da escolar (dados do gráfico 1), mas deixando todos os participantes livres para realizarem suas colocações e posicionarem-se em relação à sua sexualidade vivenciada nestes dois espaços, o familiar e o religioso.

Nas Oficinas, em suas respectivas três edições, o desafio de organização foi desconstruir estereótipos biológicos e o entendimento dos termos de sexualidade e de educação sexual. Estes termos são, quase sempre, muito difusos, marcados pelo preconceito e senso comum, mas que não podem ser ignorados, como de fato não o foi, na organização da oficina.

A ideia foi então o de transformar as oficinas ministradas num encontro de definições sobre sexualidade e educação sexual em que os participantes pudessem se identificar como tendo um histórico pessoal sobre sexualidade humana e como este histórico é componente instituinte para uma futura prática pedagógica.

A pergunta que o organizador da oficina realizava a si mesmo, na organização e programação desta, a partir destes últimos dados era: O que isso significa e o que implica aos cursos de formação de professores, futuros(as) pedagogos, pedagogas que, uma vez utilizando-se de oficinas na temática da Educação Sexual, permitiriam a construção de uma definição de ofSex, rigorosamente organizada sobre um referencial ao mesmo tempo amplo e objetivo em sua proposta e abrangência? Essa pergunta geral auxiliou decididamente para a estrutura das três edições da oficina, do mesmo modo, como respondem a “conversa” destes dados com o referencial teórico em oficina e define o que é, o que seria uma ofSex, o que, evidentemente, se fez neste artigo.

Os aspectos avaliativos efetivados ao final das edições das três oficinas realizadas, avaliações estas, apontadas pelos participantes foram decisivas, não somente na passagem de uma edição da Oficina para outra, mas, sobretudo, e, principalmente, para a elaboração da definição de “Oficinas em Educação Sexual”, criada pelo autor e apresentada sua primeira parte, no final da seção do referencial teórico.

A segunda parte da definição de “Oficinas em Educação Sexual” (ofSex), a partir dos dados avaliativos é a seguinte: “O objetivo final de toda ofSex é permitir uma maior compreensão por parte dos participantes sobre a Educação Sexual, sua natureza/fundamentação, suas finalidades e sua estruturação metodológica visando formação emancipatória e crítica sobre a diversidade sexual e a necessária atitude de respeito à esta diversidade, tendo como base e eixo de ações, o currículo escolar da Educação Básica”(Definição do Autor).

A seguir, uma breve análise dos aspectos formativo-avaliativos das Oficinas, com especial destaque para o impacto da formação para os participantes, um dos critérios mais importantes das oficinas. Estes dados extraídos das três edições da Oficina e, que, uma vez repetidas nos diagnósticos reforçam a definição elaborada e orientam, de alguma forma, os “preparativos” ou “preparatórios”, antes de cada oferta desta Oficina, organizadas em três grandes eixos: 1) pareceres pessoais de intenções, voltadas para a escola e para a sociedade; 2) pareceres pessoais de satisfação pelos novos conhecimentos obtidos e predisposição para aprofundar e ampliar estes conhecimentos;

3) pareceres de síntese.

No primeiro eixo, um dos participantes, afirma:

“Para mim, o curso foi muito bom. Tratar de questões atuais e polêmicas, nas quais estamos vivenciando, cada vez mais em nosso dia a dia. Devemos nos capacitar para que possamos atender à “nova era”. Trazer a sexualidade, ou seja, o seu estudo para a escola, é muito importante e fundamental na atualidade”(Participante da 1.^a Edição).

“O curso foi muito instrutivo e interessante. Comecei a refletir mais sobre o assunto, o assunto da sexualidade dentro da escola, principalmente, porque, muitas vezes não damos a total importância, mas, não podemos deixar as crianças sem respostas. Vamos nos deparar com muitas situações e precisamos estar preparados para tal. Gostei dos vídeos e também dos debates, durante o curso. Acho que precisaria, sim, ter uma educação sexual na escola, porque tudo isso faz parte do crescimento e desenvolvimento da criança, do ser humano. Os temas abordados foram muito enriquecedores, pois, como futuros pedagogos temos que aprender cada dia, mais e mais. A educação sexual, sexualidade e a escola estão interligadas e é preciso saber lidar com todas as situações”(Participante da 2.^a Edição).

No segundo eixo, sobre a satisfação de adquirir novos conhecimentos em sexualidade e Educação Sexual, temos:

“O curso abriu minha cabeça sobre o sexo e seus derivados. A sexualidade é um assunto que tem que ser discutido, abertamente; ensinar e mostrar para os alunos, que o tema é para todos os sexos (homens, mulheres, gays, lésbicas e outros). Antes de fazer o curso, eu pensei que seria sobre doenças e outras coisas mais. Quando iniciei o curso vi que era completamente diferente. Agora, sei como lidar com meus alunos sobre a sexualidade deles”(Participante da 3.^a Edição).

“O curso foi muito produtivo, adquirimos várias visões sobre a questão da sexualidade, diferente daquilo que pensávamos ser a educação sexual.

Aprendemos que a educação sexual não diz respeito apenas a sexo, mas, sim, às questões relativas a gênero, respeito e quebra de tabus. Acredito que esse curso não me forneceu uma aptidão para tratar o assunto, mas, com certeza, terei uma visão deferente quando me deparar com o assunto” (Participante da 1.^a Edição).

Em termos de síntese do evento, como forma de demonstrar o que foi apreendido, temos:

“A questão “sexualidade” não deve ser vista apenas como uma questão biológica. O assunto “Educação Sexual”, “Sexualidade”, “Liberdade Sexual” ainda é tabu, tanto nas escolas, como nas famílias. É preciso quebrar barreiras, a começar, por nós, futuros pedagogos, para que haja uma educação (incluindo a sexual) de qualidade, com qualidade, respeitando as diversas formas de manifestação sexual, expressadas nas muitas maneiras de amar e de amor. É o que o curso me mostrou. Gostei de tudo (Participante 1.^a Edição)”.

A definição completa de “Oficinas em Educação Sexual”, construída inicialmente com base no referencial teórico (Ander-Egg, 1991; Candau, Sacavino e Morandino, 1995; Candau e Sacavino, 2011; Gonzáles Cuberes, 1987; Vieira e Valquind, 2000, dentre outros) e, num segundo momento, com os dados do diagnóstico e da avaliação das Oficinas realizadas, fica assim apresentada: “Oficina(s) em Educação Sexual (ofSex) é aquela oficina em que sua formatação se dá a partir de um diagnóstico do público participante. O proponente da Oficina em Educação Sexual, um Educador Sexual, organiza o processo de desenvolvimento da Oficina, na consideração do arcabouço dos conhecimentos do seu público, mas, tem organizados, em seu material formativo individual e de formação em sexualidade humana, todos os elementos necessários para atender a esta demanda de conhecimentos, perspectivas e expectativas que se desenham neste diagnóstico inicial. O objetivo final de toda ofSex é permitir uma maior compreensão por parte dos participantes sobre a Educação Sexual, sua natureza/fundamentação, suas finalidades e sua estruturação metodológica visando formação emancipatória e crítica sobre a diversidade sexual e a necessária atitude de respeito à esta diversidade, tendo como base e eixo de ações o currículo escolar da Educação Básica” (Definição do Autor).

Portanto, uma ofSex, por extensão, forma educadores sexuais (Figueiró, 2006, 2010; Souza et al., 2017). Em última, instância, portanto, a ofSex permite importantes novas construções aos professores(as) que passam a ter novas posturas diante da manifestação da sexualidade das crianças o que os permite se tornarem educadores sexuais comprometidos com a formação integral dos sujeitos.

O conceito de ofSex é construído, assim, sob o tripé 1) do referencial teórico sobre o que é oficina e alguns autores que tratam de oficinas em educação sexual; 2) de uma problemática de pesquisa e não um relato de prática oficineira; 3) e, em consequência do tripé anterior, o conceito de “ofSex” se estrutura, em dados de uma oficina, transpostos para uma pesquisa, em dois momentos, o primeiro, com dados diagnósticos, antes da oferta da oficina e, em segundo lugar, pela avaliação dos

participantes em relação às três edições oferecidas. Desta forma, se traz uma contribuição importante à área da Educação Sexual, qual seja, a de um olhar mais amplo, ao mesmo tempo, aprofundado, para as oficinas que formam professores nos cursos iniciais, particularmente, na Pedagogia, mas que, também podem ser efetivados no formato de formação continuada.

Abrem-se possibilidades/oportunidades para que as ofSex se constituam na área da Educação Sexual, espaços formativos lineares de planejamento e organização de produto(s), entre oficineiros(as) e oficineiros(as) e, assim, as oficinas deixem, portanto, de serem informativas no caráter de cursos “preparatórios” ou transmitivos apenas. Uma possibilidade /oportunidade ainda mais urgente é que surjam referenciais mais amplos e ainda mais diversos, para além do exposto aqui, sobre oficinas na Educação e na Educação Sexual, permitindo sólidos diálogos entre pesquisado- res(as) e autores(as) de obras/periódicos na América Latina e Caribe.

4. CONCLUSÃO

Tanto a base referencial quanto os dados obtidos no diagnóstico e, posteriormente, na avaliação da oficina em que os participantes efetuaram, ao final das edições, permitem a coerência e coesão da definição de ofSex, bem como, indica caminhos formativos efetivos por meio de oficinas.

A construção “tardia”, ou melhor, posterior, aos dados coletados contribui para que os objetivos a que se propôs o artigo fossem alcançados, mas, não se descarta a disposição necessária de maior aprofundamento, tanto teórico, quanto metodológico, sobre o que são as ofSex. Exige-se, ainda, um “refinamento” dos autores(a) utilizados para que a análise que foi breve, seja aprofundada, dando continuidades, assim, nesta pesquisa e formatos mais amplos às oficinas, as Oficinas em Educação Sexual.

Estas duas considerações permitem a constatação do alinhamento dos dados dos diagnósticos e das avaliações com a proposta da pesquisa que gera este artigo e a definição de ofSex. Dito de outra maneira, com se reforçou na Introdução, não se trata de um relato de prática, mas de uma pesquisa, em que dados de uma prática são transformados em dados de pesquisa, formatados numa problemática bem definida e numa metodologia rigorosa, que permitiu como um produto para as próximas edições da oficina “Trabalhando a sexualidade na escola”, um ponto de partida mais estrutural, reflexivo e com maior visualização do processo e do produto que, por ser compartilhado entre oficineiros(as) e oficineiros(as), traz impactos formativos muito maiores que apenas os impactos informativos. Lembrando, que, neste artigo, os Oficineiros(as) são designados como os participantes das ofSex; oficineiro(a), o Educador(a) Sexual, organizador, proponente da ofSex.

A principal das potencialidades dos diagnósticos, respondendo, logo de início, à problemática desta pesquisa, é que elas permitem ao Educador Sexual que vai oferecer uma ofSex conhecer melhor seu público e fornecer

à este público uma formação “oficineira” que tenha um objetivo concreto, direto, formatado na práxis. Definir um público 1) heterogêneo, no sentido de haver, para alguns, os conhecimentos principais em Educação Sexual, 2) mais ou menos homogêneo, com pelo menos nivelados conhecimentos dos conceitos principais e fundamentais da Educação Sexual e 3) um público totalmente desconhecedor dos conhecimentos básicos em sexualidade humana e Educação Sexual, como foi a Edição 1 da Oficina “Trabalhando a sexualidade na escola”, certamente, podem delinear uma ofSex que estimule a busca por novos outros conhecimentos na área, para aprimoramento da formação e da atuação profissionais docente.

Há outras potencialidades, como as que se esclarecem nas Considerações Gerais a seguir, das quais, a principal e final, ou seja, o objetivo último, a variável curricular que possa emitir novas aprendizagens na Educação Básica. Professores(as) bem formados em sexualidade humana, permitirão uma “alfabetização científica” (Chassot, 2009) em educação sexual, satisfatória, sob os princípios da emancipação, como apontam Furlani (2011) e Figueiró (2010).

Oficina em Educação Sexual -ofSex- na formação inicial de pedagogos(as) a partir da definição organizada/escrita, em duas partes, primeiro, a partir do referencial teórico e, num segundo momento, nas considerações demonstradas sobre os recursos e conhecimentos do público participante e suas avaliações, pós finalização das oficinas, permitem, o apontamento relevante de três considerações gerais:

- Consideração geral n.º 1: Oficinas em Educação Sexual devem primar pela práxis transformadora, já que nascem das demandas, dúvidas e saberes de seus participantes, a partir de diagnósticos iniciais, antes da oferta da oficina.

- Consideração geral n.º 2: Oficinas em Educação Sexual exigem educadores sexuais – na definição de Figueiró (2006) – bem preparados no tema da sexualidade humana, bem como, deve ser possível reconhecer nele(a) conhecimentos em Didática. Fará sentido aí, a definição de Didática da Sexualidade em Silva (2015).

- Consideração geral n.º 3: Oficinais em Educação Sexual nunca são “fechadas”, previamente formatadas, mas emergem das potencialidades abertas pelos questionários de diagnósticos e devolutivas de avaliação que deverão servir, ao final, como importante indicador avaliativo da formação e da organização de novas oficinas.

- Consideração geral n.º 4: Oficinas em Educação Sexual (ofSex) devem ser pensadas com foco no currículo da Educação Básica e, por extensão, na mudança cultural e social dos sujeitos, em relação à diversidade sexual.

Como encaminhamento de pesquisa espera-se que ofSex sejam organizadas sob a perspectiva aqui pensada, ou seja, o aspecto diagnóstica como orientador da prática a ser efetivada e, deste modo, se sugere que não sejam organizadas/oferecidas num formato “pré-pronto”, para execução, mas que se voltem à práxis coletiva desta ação, gerando produto(s) “em processo”, nunca finais ou acabados, o que exige do formulador da oficina, o Educador Sexual (oficinador/a), toda uma preparação de

materiais e recursos, mas que, também, o grupo (os oficineiros/as), em conjunto, formulem estratégias de parcerias na construção da temática, aprofundamentos teórico-metodológicos, etc. E, finalmente, o produto, coletivo-individual, exigência máxima das Oficinas, conforme autores nacionais e internacionais que tratam do tema.

Esta última variável, a da participação efetiva do grupo, oficineiros (as) e oficinadores (as) em compartilhamento de experiência e “acordos” formativos cooperados ficaram de fora da definição construída de ofSex, pois, em nenhuma das Edições foi possível encontrar entre os grupos aquele que possuísse um domínio maior de definições e conceitos em Educação Sexual, o que permitiria, sem dúvida, ser apresentada a proposta de cooperação na formulação da ofSex. De qualquer modo, fica a importante reflexão de ser proposto nos diagnósticos/sondagens, antes de cada ofSex, a partir da identificação de um alinhamento, pelo menos inicial, de conceitos e de referenciais em Educação Sexual e sexualidade humana, para seja proposto, neste momento preparatório o compartilhamento de decisões quanto ao que será tratado na ofSex, o que se chamaria aqui de “gestão da ofSex” que seria a ação de encaminhamentos de processos e de produto das oficinas.

Na pesquisa aqui empreendida se pode destacar três elementos que dão para as oficinas, as ofSex, o caráter de contribuidora à área da Educação Sexual, na América Latina e Caribe: consistência, inovação e potencial-motor de avanço do conhecimento na área da Educação Sexual. É consistente, pois, está ligada à realidade e em uma problemática de pesquisa, seguindo uma metodologia. Inova, pois, parte do pressuposto que há uma fragilidade na área da Educação Sexual, em referenciar o que é uma oficina. Nessa inovação propõe uma definição e deixa um desafio. A definição já foi dada, a definição de ofSex; o desafio é a construção de uma metodologia e a experiência de novos formatos a partir da proposta deste artigo. Por último, é potencial-motor de avanço do conhecimento na área da Educação Sexual, pois apresenta um encaminhamento outro para serem pensadas e executadas oficinas, no âmbito formativo professoral em cursos de Pedagogia e para programas em Educação Sexual, da educação básica ao ensino superior, bem como, outros espaços não escolares.

Que o presente texto propicie uma base teórica e metodológica, inicial e provisória, para a organização de ofSex, que levem em consideração a proposta da Didática da Sexualidade, apontada por Silva (2015) e que tais oficinas oportunizem, na medida do possível, um componente curricular em Educação Sexual nos cursos de Pedagogia, formando professores(as) para a diversidade; que propicie também, uma nova cultura em diversidade, tão cara e tão urgente à educação e à educação sexual, na emancipação dos sujeitos, mas sobretudo, na emancipação das mentes, no combate às ações preconceituosas e “inimigas do saber” em Educação Sexual.

REFERÊNCIAS

- Afonso, L. (2002). *Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social.
- Anastasiou, L. G. C., e Alves, L. P. (Orgs). (2009). *Processos de Ensino na Universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula*. Joinville, SC: Editora Univille.
- Ander-Egg, E. (1991). *El taller una alternativa para la renovación pedagógica*. Buenos Aires: Magisterio del Río de la Plata.
- Ariès, P., e Béjin, A. (Orgs). (1985). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense.
- Betancourt, A. M. (2007). *El taller educativo. Qué es? Fundamentos, cómo organizarlo y dirigirlo, cómo evaluarlo*. (2a ed.). Bogotá: Cooperativa Editorial Magisterio.
- Bohnsack, R. (2004). Group Discussions and Focus Groups. In U. Flick, & E.V. Kardoff, & I. Steinke (Orgs.). *A companion to qualitative research*. London: Sage.
- Callejo Gallego, J. (2002). Observación, entrevista y grupo de discusión: el silencio de três prácticas de investigación. *Revista Española de Salud Pública*, 76(5), 409-422. Recuperado de http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1135-57272002000500004.
- Candau, V. M., Sacavino, S.B., e Marandino, M. (1995). *Oficinas pedagógicas de direitos humanos*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Candau, V., e Sacavino, S. (2011). *Educar em Tempos difíceis: construindo caminhos*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Cellard, A. (2008). *A Análise documental*. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Chassot, A. (2017). *Alfabetização Científica. Questões e desafios para a educação*. Ijuí: Editora Unijuí.
- Luengo, J.M., Montero, E.G., Pey, M.O., e Corrêa, G.C. (2000). *Pedagogia Libertária: Experiências Hoje*. São Paulo: Editora Imaginário.
- Figueiró, M. N. D. (2006). *Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível*. Campinas, SP: Mercado da Letras; Londrina, PR: Edel.
- Figueiró, M. N. D. (2010). *Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio*. 3ª .ed. rev. e atual. Londrina, PR: Edel.
- Foucault, M. (1990). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Fornazari, V.B.R., e Obara, A.T. (2017). O uso de oficinas pedagógicas como estratégia de ensino e aprendizagem: a bacia hidrográfica como tema de estudo. *Ienci-Investigações em Ensino de Ciências*, 22(2), 166-185. Recuperado de <https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ien/ci/article/view/326>.
- Freire, P. (1998). *Professora sim, tia não*. São Paulo: Olho d'Água.
- Furlani, J. (2003). Mitos e tabus da sexualidade humana: Subsídios ao trabalho em educação sexual. Belo Horizonte: Autêntica.
- Furlani, J. (2011). *Educação Sexual na sala de aula. Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica.

- Giddens, A. (1993). *A transformação da Intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Unesp.
- Gonzáles Cuberes, M. T. (1987). *El taller de los talleres*. Buenos Aires: Ángel Estrada y Cía. S.A.
- Guimarães, A. F. P. (2009). O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construção de identidades. *Temas em Psicologia*, 17(2), 553-567. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000200023.
- Haydt, R.C.C. (2006). *Curso de Didática Geral*. São Paulo: Ática.
- Highwater, J. (1999). *Mito e Sexualidade*. São Paulo: Saraiva.
- Lespada, J. C. (1988). *Aprender haciendo: los talleres en la escuela*. Buenos Aires: Humanitas.
- Louro, G. L. (2008). Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições, Campinas*, 19(2), maio/ago. Recuperado de <http://www.scielo.br/scielo.php?pid->
- Magalhães, C. (2011). Dinâmicas de grupo sobre sexualidade: atividades para trabalhar com ado-lescentes. Rio de Janeiro (RJ): Wak.
- Maheirie, K., Urnau, L.C., Vavassori, M.B., Orlandi, R., e Baierle, R.E. (2005). Oficinas sobre sexualidade com adolescentes: um relato de experiência. *Psicologia e estudos*, 10(3), 537-542. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000300022&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt.
- Maia, A. C. B., e Ribeiro, P.R. M. (2011). Educação Sexual: princípios para ação. *Doxa. Revista Paulista de Psicologia e Educação*, 15, 41-51. Recuperado de <http://hdl.handle.net/11449/124985>.
- Marconi, M., e Lakatos, E.M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas.
- Martins, F. N., Freitas, D. S., e Feldkercher, N. (2009). Oficinas Pedagógicas: Instrumento de Valorização da Diversidade no Ambiente Escolar. XI Congresso Nacional de Educação EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia – 26 a 29 de Outubro de 2009 – PUCPR, 2009. Recuperado de https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/2011_1697.pdf.
- Morgade, G., e Fainsod, P. (2015). Convergencias y divergências de sentido em los talleres de Educación Sexual Integral de la formación docente. *Revista del Instituto de Investigaciones em Ciencias de la Educación*, 38, 39-62. Recuperado de <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/iice/article/view/3460>.
- Omiste, A. S., López, M. C., e Ramirez, J. (2000). Formação de grupos populares: uma proposta educativa. In Candau, V. M. F., & Sacavino, S. B. (Orgs.). *Educar em direitos humanos: construir democracia*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Paviani, N. M. S., e Fontana, N. M. (2009). Oficinas Pedagógicas: relato de uma experiência, *Con-jectura*, 14(2), 77-88, maio/ago. Recuperado de <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/16>.
- Pasel, S., e Asborn, S. (1991). *Aula-Taller*. Buenos Aires: Aique.
- Pimentel, G., Carneiro, L. B., e Guerra, J. (2007). *Oficinas Culturais*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Ribeiro, P. R. M. (Org.). (2004). *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência.

- Silva, C. R. (2015). Proposta teórico-interpretativa em sexualidade infantil: contribuição à educação sexual a partir da Grounded Theory (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, FCLar, Araraquara (SP), Brasil.
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, 20(2), 71-99. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>.
- Souza, M. G. A., Abreu, R. L. P., Santos, R. A. P., e Bastos, F. (2017). Gêneros e sexualidades já formação de docente: analisando saberes a partir de oficinas pedagógicas. *Margens – Revista Interdisciplinar*, 11(17), 59-75. Recuperado de <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revista-margens/article/view/5434>.
- Thiollent, M. (2000). Metodologias participativas e sua aplicação em projetos de extensão universitária. In M. Thiollent, T. Araújo Filho & R.L.S. Soares. (Orgs.). *Metodologias e experiências em projetos de extensão*. Niterói: EDUFF, 19-28.
- Teixeira, C. M., e Magnabosco, M. M. (2010). *Gênero e diversidade: formação de educadoras/es*. Belo Horizonte: Autêntica; Ouro Preto, MG: UFOP.
- Vieira, E., e Valquind, L. (2000). *Oficinas de Ensino: O quê? Por quê? Como?*. 4º ed. Porto Alegre: EDIPUCRS.